



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

05, 06, 07 e 08 de Setembro
2015



Veículo: A Notícia

Editoria: Notícias

Data: 08/09/2015

Assunto: Base Nacional Comum

Página: 17

A NOTÍCIA

Estado debate plano de integração de conteúdo

Proposta do MEC é ter uma base das principais disciplinas nas 190 mil instituições

A Secretaria de Estado da Educação (SED) lançou, nesta sexta-feira, a comissão catarinense para a implementação da proposta do governo federal de criar uma Base Nacional Comum Curricular (BNC) para a educação básica. A iniciativa puxada pelo Ministério da Educação (MEC) tem como objetivo unificar os conteúdos aprendidos em 190 mil escolas públicas e privadas de todo o país.

A discussão ocorre em torno de um documento preliminar elaborado pelo MEC. A BNC não prevê uma padronização das disciplinas, mas uma asse-

melhação das diretrizes.

Conforme texto publicado no site oficial da BNC, a base comum deixará claro para professores de todo o país quais são os elementos fundamentais que precisam ser ensinados dentro das quatro áreas de conhecimento: Matemática, Línguas, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Discussões sobre a implantação da BNC ocorrem em diversos Estados. Em Santa Catarina, o lançamento da comissão contou com a participação das secretarias municipais e estadual, sindicatos, gerências regionais e representantes das



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

instituições de ensino superior, entre outros.

Diretor de Educação Superior da SED, Gilberto Agnolin explica que a Base Comum não substitui os currículos locais.

Novos encontros previstos

Já a coordenadora estadual da BNC em SC, Maíke Ricci, adianta que ainda serão realizados novos seminários regionais e debates, cujo objetivo é obter sugestões e comentários sobre o tema. Os encontros resultarão num seminário estadual para

sistematizar todas estas contribuições. As datas dos eventos ainda não foram definidas.

O texto da Base Nacional está em fase de elaboração e deve ser aprovado até o dia 24 de junho de 2016, conforme determinação do Plano Nacional de Educação. Segundo o ministro do MEC, Renato Janine, um alicerce curricular comum em todo o país permitirá alterações no material didático utilizado atualmente. Para ele, atualmente "é muito difícil, para não dizer impossível, pensar em um material didático" que contemple os conteúdos ministrados em regiões diferentes.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Hora de Santa Catarina	Editoria: Mario Motta	Data: 08/09/2015
Assunto: Congresso		Página: on-line



Mário Motta: Congresso de Educação do Sul do Brasil acontece em Florianópolis esse mês

Entre os dias 10 a 12 deste mês volta à Florianópolis a 11ª edição

Entre os dias 10 a 12 deste mês, volta à Florianópolis o maior Congresso Sul Brasileiro de Educação. Está será a 11ª edição e terá como base um dos temas mais complexos já discutidos no país: a Base Nacional Comum.

Até julho de 2016, o Ministério da Educação deverá encaminhar ao Conselho Nacional de Educação (CNE) uma proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para educação básica. Segundo o MEC a proposta é que cada sistema de ensino e estabelecimento escolar complemente a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar.

Acoplado ao Congresso, acontecerá a ExpoEstudar - uma feira educacional direcionada para todas as idades, com oportunidades exclusivas e entrada gratuita. Trata-se da maior feira do setor já realizada no Estado que irá reunir as principais instituições de ensino de Santa Catarina.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Folha de São Paulo	Editoria: Educação	Data: 08/09/2015
Assunto: Ensino médio		Página: Online

EM JORNAL E SERVIÇO PÚBLICO - F-1-1 - WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S.PAULO

Currículo frágil é apontado como causa da baixa qualidade no ensino médio

As estatísticas do ensino médio brasileiro são claras: o total de jovens em escolas é insuficiente, e o aproveitamento dos que estudam é baixo. Mas os números não mostram a razão desse quadro.

Para investigá-la, a reportagem da Folha consultou 12 dos principais atores da educação do país. Foram ouvidos representantes de governos, sindicatos, alunos, universidades, ONGs e indústria.

Cada um podia mencionar até três explicações para a má qualidade do ensino. A maioria, oito, apontou o currículo como nó principal.

A organização dos conteúdos a serem transmitidos aos jovens foi bastante criticada.

A legislação brasileira exige 12 matérias no ensino médio. "Além de serem muitas disciplinas obrigatórias, elas não conversam entre si", afirma Rossieli da Silva, vice-presidente do Consed, entidade que representa os secretários estaduais de Educação.

"O aluno não sabe por que está aprendendo aquele conteúdo de física ou de química e, às vezes, nem o professor sabe por que está ensinando", completa. Os Estados, em essência, respondem por essa etapa da educação.

Outro aspecto citado também está ligado ao currículo: é a falta de perspectiva do jovem ao cursar essa etapa.

"Parece ser só uma passagem, uma preparação para a universidade. Não há motivação para levar a sério", opina Bárbara Melo, presidente da Ubes (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas).

Seis entrevistados lembraram que alunos chegam ao ensino médio com deficiência de aprendizagem e têm mais idade que a ideal (15) por terem sido reprovados.

Universidades particulares também reclamam que gastam parte do tempo e dos recursos para dar reforço a estudantes não devidamente formados no ensino básico.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Revista Veja	Editoria: Educação	Data: 08/09/2015
Assunto: Internet e Tv		Página: on-line



ESTUDO LIGA TV OU INTERNET DEMAIS A NOTAS DOIS PONTOS MAIS BAIXAS

Pesquisa feita pela Universidade de Cambridge, na Inglaterra, com 800 estudantes revela que alunos que passam mais de quatro horas assistindo à televisão ou em games têm notas menores nas provas

Adolescentes que passam a maior parte do seu tempo de lazer na internet, assistindo à televisão ou jogando no computador tendem a se sair pior nas provas, segundo pesquisa da Universidade de Cambridge, publicada na última semana.

Em um estudo com 845 estudantes ingleses entre 14 e 15 anos, os pesquisadores compararam as atividades dos alunos e suas notas no GCSE (General Certificate of Secondary Education, comparável ao Enem, no Brasil). A análise, publicada no International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity, determinou que o tempo médio em frente às telas é de quatro horas por dia e revelou que uma hora a mais em frente à TV ou na internet na idade de 14 anos e meio está ligada a dois pontos a menos em provas na idade de 16 anos (a nota cai de B para D, por exemplo, numa escala de A a E).

Já os adolescentes que passam uma hora a mais de seu tempo livre fazendo lições de casa ou lendo livros têm as notas pouco mais de quatro pontos maiores. A conclusão dos autores é que tempo demais em frente às telas reduz os resultados acadêmicos. "Podemos sugerir que o tempo em frente às telas pode ser prejudicial às notas de um adolescente", disse a cientista Kirsten Corder, do Centro de Pesquisa em Dieta e Atividade da Universidade de Cambridge, que co-liderou a pesquisa.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Coluna pelo Estado

Editoria: Coluna pelo Estado

Data: 08/09/2015

Assunto: Prevenção e controle

Página: Online

[PeloEstado]

Duas histórias cada vez mais comuns



Agência Brasil

Marcos, de 17 anos, largou a escola aos 15. Desde os 12 consumindo maconha, já tinha dificuldades para aprender e preferiu desistir. O uso, que era eventual, passou a ser diário e evoluiu para o *crack*. Apesar da vida desestruturada, Marcos tem uma namorada.

É Camila, 16 anos, que também usa maconha há pelo menos um ano e não quer entrar no *crack*. Ainda vai à escola, mas suas notas são sempre abaixo da média. No final do ano, passando ou não, vai abandonar os estudos para cuidar do filho que espera do namorado.

Os nomes são fictícios. As histórias, reais. Marcos e Camila moram em uma comunidade da periferia de Florianópolis. Por lá, é comum chegarem pessoas de todas as classes sociais. São consumidores de drogas que vão atrás da maconha, do *crack*, da cocaína, do mesclado e das sintéticas como o

se livremente por ali. Os moradores do lugar sabem quem vende e quem compra. Entretanto, estão sujeitos à lei do silêncio. Assim como às ações violentas contra os suspeitos de serem delatores ou os que acumulam dívidas com os traficantes.

A campanha fala diretamente com pessoas como Marcos e Camila, seus familiares, os moradores de comunidades como a deles. E também com os moradores das áreas rurais e aqueles que vivem nas casas e edifícios das áreas nobres das cidades catarinenses. Com os frequentadores de baladas e com os estudantes das boas escolas e universidades.

Ou seja, não há um público específico. Todos, de alguma forma, têm contato com esse mundo marginal que vem destruindo a sociedade pelas bordas. E com o consentimento da própria sociedade, que percebe o drama mas



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Educação - Marcos e Camila, personagens do texto ao lado, estão representados nas estatísticas da Secretaria de Estado da Educação. Em pesquisa de 2009, aplicada em apenas nove escolas de Florianópolis, 7% dos estudantes admitiram já ter utilizado maconha e o primeiro uso ocorreu com menos de 14 anos; antes de completar 13 anos, 1,3% usaram cocaína e mesclado pela primeira vez; e 0,6% usaram *crack* com menos de 11 anos. Para lidar com esse quadro nada animador, a Secretaria da Educação mantém algumas medidas, como a orientação para que a temática seja incluída nos projetos político-pedagógicos. Há ainda o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), realizado em conjunto com a Polícia Militar, e o Programa Saúde na Escola (PSE). Nas Gerências Regionais de Educação e nas unidades escolares são implantados os Núcleos de Educação e Prevenção às Violências na Escola (NEPRES), cuja criação segue a orientação da *Política de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento às Violências nas Escolas* da SED.

Uso de Drogas Ilícitas nas Escolas de SC*

%	Droga	%	Usuários
9,27	maconha	13,86	alunos E. Médio
2,30	<i>crack</i>	6,83	alunos séries finais E. Fundam.
1,77	cocaína	1,26	alunos séries iniciais E. Fundam.
1,29	inalantes	2,41	funcionários área administrativa
1,12	ecstasy	2,22	professores

*Questionário aplicado em 2010, em 1.320 unidades escolares